

A de APRESENTAÇÃO

O conceito fabulação

por Carolina Ramos Nunes

29

Escrever, escrevinhar, emoldurar as palavras. Deixar fascinar-se pelo mundo das palavras sem poder delas viver-ver sabendo que, quando capturadas pela teia sensível do dedos pelo teclado, elas reclamam, vibram, até que pausam. Param como que acuadas no branco do papel virtual, esperando ansiosas para deixarem o seu lugar visível para voltarem então ao seu mundo outro.

Seriam as fábulas um tolo desejo de nos afastarmos da realidade, em um lugar da escrita distante, um rasgo no tecido da realidade, que possibilita ficar nas estrias de um tempo que não corre mais na mesma direção que se espera de um relógio?

A cada segundo, os personagens deixam de habitar suas casas, realizar suas tarefas cotidianas, conceber suas existências pré-definidas, para se rerepresentarem de outro modo em páginas, outrora em branco, agora povoadas. O *tic tac* pode ser substituído pelo ruído estalado dos dedos alcançando as teclas em um teclado de computador, ou pela ponta das unhas afiadas tilintando as telas de um celular.

Esse tempo, agora contabilizado por outras formas que não os triviais segundos,

escava uma realidade, alcançando uma superfície de potências, de "e...".

A filosofia, referenciada em pensamentos de Blanchot, Foucault e Deleuze é um pensar, um fazer contínuo. Não se pensa sobre, pensa-se com, cria-se conceitos para pensar com a realidade, um encontro de forças compondo um diagrama (DELEUZE, 1988) infinitamente mutável.

Sendo assim, a narrativa, cria “um mundo próprio de coisas concretas para representar coisas concretas para representar uma pura significação” (BLANCHOT, 1997, p. 86) construindo uma realidade mítica em um mundo mítico, complexo e completo, com a existência humana em seu conjunto. Fabular com a realidade complexifica

(...) os acontecimentos, os personagens, os fatos e os diálogos desse mundo irreal que é o romance, tendem a ser evocados, apreendidos e realizados por palavras que, para significá-los, precisam representá-los, fazê-los serem vistos e compreendidos em sua própria realidade verbal. (BLANCHOT, 1997, p. 84)

Voltando ao enredo, ao redefinir a cronologia da narrativa, os personagens também são afetados, as memórias do escritor perdem a identidade e passam a ser anônimas, qualquer profundidade subjetiva dá lugar a uma superfície pulsante, ávida por ser pinçada e esmiuçada por uma realidade outra, sem qualquer relação com a original. Eis que pergunto, há uma realidade primeira? Uma realidade anterior, um suspiro primeiro de materialidade?

Essa realidade tem um corpo próprio dentro da obra, tornando-a independente, falante por si só. Uma solitária no discurso, em sua totalidade: “a obra não é acabada ou inacabada: ela é.” (BLANCHOT, 2011, p.12). Contudo, Blanchot enfatiza que essa independência e ou solitude de uma obra literária, neste caso tendendo a aproximá-la da fabulação, não a torna incomunicável, ela é um mundo criado, um fora potente e latente aguardando ser tencionada, lida, habitada. Neste ponto, Deleuze toca Blanchot ao concordar que “à literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta” (DELEUZE, 1997, p. 14) para que seja assim, dita literatura.

É por demais árduo ao escritor deixar que sua fábula caminhe com as próprias pernas, e mais difícil ainda é lê-la como se dela não mais pertencesse. Mas só quando o fio que liga o mundo real for rompido, que outras ligações poderão explodir. Parece

antagônico se afastar de um mundo para que possa então retornar a ele. Não seria isso que a arte nos propõe todos os dias, bem como a literatura?

Não há mais eu nem outro, há um nós sem rosto, que contém todas as faces de um mundo por vir, mesclado e embaralhado incessantemente com inúmeras fisionomias. Esse eu/outro/nós sem rosto é também multidimensional, da ordem de materialidade: ressignifica os modos físico-químicos apreendidos na ciência para libertar-se neste mundo de fabulação. O corpo antes rígido agora se molda conforme as ondas e movimentos que passam e o atravessam.

Compete à função fabuladora inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, ao menos que delas se faça a origem ou a destinação coletiva de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e reneгаções. (LEVY, 2011, p. 47)

Assim, nessa criação fabuladora, tem-se uma voz narrativa, um fio atravessando e emaranhando todas as forças, gerando estranhamento e entranhamentos. A voz narrativa, conforme Blanchot permite que o leitor seja surpreendido pelos falos, pelo dar-se ver sob a perspectiva do narrador. É o fora na temporalidade da narrativa, é o

“presente sem memória que é o da palavra narrante” (BLANCHOT, 2010, p. 148).

Bordejando o pensamento da fabulação na arte, mais especificamente no ensino das artes, como uma proposição de metodologia, tem-se a reverberação de que o ensino não é formado da dualidade causa e efeito. As coisas ensinadas nas aulas de artes são meios para atravessamentos, perspectivas, mostrar que o mundo não é dual, não é ou uma coisa ou outra. Oferta uma bagagem múltipla para a vida. O pensar, atravessado seja na criação das aulas, ou seja, o próprio conteúdo delas são campos de força para resistir, para viver.

O risco do viver de um professor

Acordar antes mesmo do despertador tocar, abrir os olhos por frestas, ainda que saiba que não haja luz, os pássaros estão silenciosos em seus ninhos. Pausar o corpo de forma proposital para retomar a ausência de um pensar contínuo. Ficar parado até que o despertador toque.

Tic. Tac.

Acordar, levantar, trocar de roupa, juntar o material organizado na noite anterior, sair ainda dormindo por dentro. Aos poucos abrir os olhos por frestas. Entrar na escola, na sala dos professores, ver que os outros ainda estão silenciosos dentro de si, não se fala, não há murmúrios dentro da sala dos professores. Silêncios rompidos pequenos gritos vindos do pátio. Todos esperando o toque do sinal.

Sirene.

Os estudantes acomodam seus corpos agitados entre a mesa e cadeira, pausar o corpo para o começar de um pensar. Será? Ando lentamente até chegar à mesa na frente da sala. Um dos corpos - menos disciplinado- corre até mim e exemplifica as tensões do dia a dia: - Achas que irá arrebentar? Rompe-se a resistência do material e do ar. O pedaço de plástico que ele pretendia provar ser indestrutível se rasga e rompe a garrafa de vidro cheia de água ao meu lado. Eu era vidro, agora sou água. Ser professor é deixar-se vazar pelo constante romper inesperado.

Textos-conversa (referências)

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 3: a ausência de livro**. São Paulo: Escuta, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

*este texto foi escrito em um mergulho na superfície da disciplina *Filosofia, arte e ensino*, ministrada pela prof^a Dr^a Elaine Schmidlin, no primeiro semestre de 2019.